V ENCONTRO NORDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA
30 ANOS DA CONSTITUIÇÃO CIDADÃ
Recife-Pernambuco-2018

A Imprensa Ilustrada Maranhense: a Revista do Norte (1901-1906)[1]

Amanda da Silva e SILVA[2]
José FERREIRA JUNIOR[3]
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA

Resumo

Este artigo trata da imprensa maranhense no século XIX e início do século XX, com destaque para o momento da chamada imprensa ilustrada, com jornais e revistas publicados no Maranhão, em particular a *Revista do Norte (1901-1906)*. O objetivo é destacar a importância da publicação sediada em São Luís que ainda não consta do rol da história da imprensa ilustrada brasileira. O artigo realiza um breve apanhado das fases pelas quais a imprensa, no Brasil e no Maranhão, passou, ampliando-se a colocação de foco sobre o assunto, com ênfase na postura editorial da *Revista de Norte*.

Palavras-Chave: Revistas Ilustradas; Revista do Norte; Imprensa; Maranhão.

Introdução

A intenção deste artigo é demonstrar que, no período de pouco mais de 200 anos da história da imprensa periódica brasileira, ainda existem lacunas a serem preenchidas. Num país com vasto território, não é de se estranhar que a historiografia da mídia não comporte um repertório exaustivo. Jornais, revistas e demais periódicos: pasquins, panfletos, folhetos, etc., compõem um rico cenário não explorado. Cada manifestação impressa tem sua categoria, com variáveis acerca do temário, da profissionalização, da ideologia e da localização geográfica, cujo conhecimento é fundamental para o entendimento da nuances históricas da imprensa no Brasil.

O artigo pretende expor, também, os fatores que propiciaram o desenvolvimento da imprensa maranhense, sobretudo na capital, São Luís, compreendendo investimentos em tipografias e nos materiais tipográficos como empreitadas relacionadas com a vida política, cultural, econômica e social da província (e depois estado) do Maranhão.

---

[1]Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa integrante do 5º Encontro Nordeste de História da Mídia.
[2]Estudante do programa de pós-graduação interdisciplinar em Cultura e Sociedade na UFMA, e-mail: aruadegoncalves@gmail.com
[3] Orientador do trabalho. Professor do programa de pós-graduação interdisciplinar em Cultura e Sociedade e do Curso de Jornalismo da UFMA, e-mail: jferr@uol.com.br

Destaca-se a imprensa ilustrada então constituída – acompanhando as tendências internacionais (francesas e inglesas) e nacionais (carioca e paulistana). Uma nova maneira de ler e de ver, na segunda metade do século XIX, apareceu na imprensa. A imagem passa a ocupar o espaço, junto com o texto, nos jornais, revistas e periódicos. Em seguida, um breve perfil dos impressos ilustrados foi traçado no sentido de uma melhor compreensão do fenômeno no Maranhão, com destaque para a *Revista do Norte*.

No escopo desta pesquisa, está a possibilidade de um resgate histórico principalmente no que tange à imprensa ilustrada; e, também, de perceber o papel fundamental que a imagem teve na construção de uma nova narrativa jornalística.

Associando escrita e imagem, a imprensa ilustrada desempenhou um papel importante dentro da história da cultura visual brasileira, uma vez que pôs em circulação uma grande quantidade de imagens, numa sociedade acostumada com a escrita, desenvolvendo caminhos paralelos entre as narrativas escrita e imagética, criando-se um novo olhar, uma nova maneira de ler e ver o mundo, além de ampliar e gerar um precioso acervo iconográfico da época.

Breve Histórico do Jornalismo no Brasil e no Maranhão.

O jornal *O Conciliador do Maranhão* foi o primeiro impresso a circular em São Luís, em 10 de novembro de 1821, deixando o passado de manuscrito a bico de pena para trás. A partir de então, muitos jornais e periódicos impressos foram criados nas principais cidades da província do Maranhão ao longo do século XIX, com curta ou longa duração.

O desenvolvimento do parque gráfico do Maranhão foi fundamental para a ampliação dos órgãos da imprensa maranhense, com investimentos em tipografias e a procura por trabalhos gráficos vindos de outras províncias.

De acordo com Martins e De Luca (2008), no decorrer do século XIX, houve um crescimento significativo de prelos instalados por todo país, aumentando o mercado tipográfico e, consequentemente, influenciando na sua profissionalização. As autoras afirmam que foram, a partir de meados do século XIX, estabelecidas relações mais profissionais ligadas diretamente à imprensa, com influência sobre jornalistas, editores, casas editoriais, tipografias, tipógrafos, etc.

No Maranhão não foi diferente. O início da imprensa local, além dos jornais políticos de costume, foi marcado pela proliferação dos pasquins, com uma linguagem mais

aguerrida, de insultos, irônica e de tom vulgar. A partir da segunda metade do século XIX, observa-se o surgimento de uma imprensa mais profissional, com maior diversificação e circulação de jornais de ocasião, ligados ao governo do momento (liberal ou conservador/partidário) ou de oposição a esse governo, com temáticas que vão da política à economia mercantil, passando pela arte e pela literatura. Sobre a atividade jornalística maranhense da segunda metade do XIX, Ricardo Martins diz:

> A imprensa maranhense havia atingido, então, maturidade e quantidade, e se instalado definitivamente como instituição na sociedade local, contando com um público cativo, um parque tipográfico, com frequência uma tipografia própria dos jornalistas, que permitia a sua edição constante, além de um grupo expressivo de homens de letras e jornalistas que abasteciam os periódicos de textos e matérias sobre os mais diversos assuntos, sobretudo os de caráter político-partidário. Ao lado de muitos periódicos de cunho partidário, circulavam também um número razoável de revistas literárias, entre outras, nas quais se realizava a difusão de conhecimentos úteis sobre lavoura, saúde, costumes, ciências, filosofia, religião, indústria, comércio, geografia e, sobretudo, literatura (MARTINS, 2010, p 110).

Esses periódicos impressos desempenharam um papel fundamental no cotidiano social, político e cultural da cidade, porque é pelos jornais e pelas revistas de políticas ou pelos impressos artístico-literários que se irá perceber a influência que a impressa tinha sobre a opinião pública e o círculo intelectual. Tratava-se de uma elite, em função de a população maranhense (e brasileira), à época, ser constituída por pessoas sem alfabetização, havendo a transmissão de informação por meio da oralidade, cujas fontes eram as leituras de jornal e de revista em lugares públicos, as conversas de porta, fazendo circular as notícias pela cidade.

As matérias produzidas pelos impressos maranhenses tratavam da política local, dos ataques e das defesas proferidos ao governo local e nacional, da economia das lavouras e do comércio, do exercício da administração pública, das notícias de variedades e de costumes, de reclames; e, principalmente, de temas literários.

A figura do jornalista se misturava à do escritor, do homem das letras que cultua uma boa prosa e que pesa na mão a pena que escreve, disputando espaço nas páginas dos principais jornais e revistas, visto que era uma maneira encontrada para divulgar e tornar seus textos reconhecidos, numa época em que nem todos tinham a oportunidade – nem o dinheiro – para bancar a publicação de seus escritos.

O gênero "revista" vai se destacar com temas variados, destacando-se as revistas de variedades, com assuntos que iam da política e da economia, chegando às questões

culturais e artísticas específicas: revistas agrícolas, sobre o comércio e a indústria, a moda etc., destacando-se, principalmente, as literárias com farto uso de imagens.

Imprensa ilustrada e o Maranhão

Um dos marcos na história dos impressos vai ser o uso da ilustração em suas páginas. É fato que usar ilustração em texto não era nenhuma novidade da época. Ao longo da história, desde os primórdios da imprensa, o homem vai desenvolvendo e aprimorando técnicas de gravação e impressão, vide os primeiros incunábulos e manuscritos, como exemplos mais emblemáticos. Mudando, ao longo dos séculos, os processos técnicos de ilustração, o suporte, o material e o propósito utilizado, como: as iluminuras, talho-doce, xilogravuras, litogravuras, águas-fortes, fotogravuras e o clichê.

O uso da ilustração nos periódicos foi fruto do desenvolvimento e avanço tecnológico que ocorreu na Europa, a partir da segunda metade dos oitocentos. Foi, sobretudo, um recurso bastante recorrente nos periódicos, sofisticando-se as publicações e os textos, tornando-os mais acessíveis para uma população que ainda era de maioria analfabeta. Na imagem, havia uma oportunidade de captar a mensagem vinculada, através da informação visual ampliando o público alcançado por esses impressos.

No Brasil, os primórdios do periodismo ilustrado eram pautados pela limitação gráfica, que influenciava diretamente a qualidade de sua impressão. Mas ao longo do século, com investimentos em novas técnicas de impressão e do material tipográfico, foi possível realizar impressões de imagens cada vez mais nítidas e com maior qualidade.

Dentro do universo da imprensa, a ilustração teve, em vários momentos dos séculos XIX e XX, em diferentes fases, diversos tipos de usos e com diferentes temáticas. Para uma lógica didática de uma busca de definição do que pode ser considerado ou não um impresso ilustrado, cabe a explicação de Rafael Cardoso (2011), que diz não ser uma definição tão fácil, pois depende da consideração dada ao impresso analisado, classificando ou não, como ilustrado. “Considera-se um periódico “ilustrado”, a partir de que grau de informação visual não tipográfica”? (CARDOSO, 2011, p.20). Em seguida questiona: “Uma estampa impressa à parte e encartada em meio ao periódico qualifica-o como ilustrado?”.

Cardoso argumenta que desde a implantação da imprensa no Brasil é possível notar a presença de informações gráficas como, ornamentos, molduras, ramagens, vinhetas, arabescos e detalhes figurativos, normalmente nas margens e barras das páginas e no cabeçalho dos periódicos, chegando a imprimir ilustrações simples de estampas, desenhos, retratos e caricaturas, feitas em xilogravuras ou por clichê. Isso tudo dependendo das condições técnicas das distintas fases pelas quais a tipografia passou e da qualidade do processo de gravação e impressão dessas imagens. Os periódicos que traziam em suas páginas esses acabamentos tipográficos, citados acima, poderiam ser considerados "impressos ilustrados". Entretanto, essa é uma questão que ainda não foi definida pelos teóricos e estudiosos de impressos, assim como dizer qual foi o primeiro impresso ilustrado brasileiro; e, talvez, nem seja algo tão importante. O certo é que muitos periódicos se autodenominaram como revistas ilustradas, seja com qual imagem for colocada em destaque: caricaturas, retratos, ornamentos ou clichês.

Durante o século XIX ainda não existia uma definição fechada e precisa para cada tipo de periódico. Conceitos de revista e jornal se misturavam e eram usados, frequentemente, como sinônimos pelos editores, dificultando a diferenciação de ambos, já que muitas revistas se definiam como jornais e vice-versa, além de não determinarem e nem seguirem um padrão de formato e dimensão específica para cada um. Sobre isso, Cardoso (2011, p.19) pontua:

> Os limites entre *jornal* e *revista* mantiveram-se bastante fluidos ao longo do século XIX, e era comum os próprios redatores usarem os termos como sinônimos, ora empregando um, ora outro, juntamente com a designação mais ampla "periódico", a única precisa, a rigor, à medida que ela permite uma diferenciação dos livros.

Na revista maranhense *Revista Typographica* (1907-1914), pode-se perceber essa "confusão" dos termos, quando a vemos se referenciando como um jornal. A mistura dos termos era tanto que até foi tema discutido na crônica do escritor Olavo Bilac, na abertura do primeiro número da revista *Kosmos*, em 1904. (CARDOSO, 2011, p.19).

A revista foi o periódico que ficou mais reconhecido como ilustrada. Tanto que "revista ilustrada" se tornou uma categoria, um gênero dentro do periodismo. Como pode ser visto neste trecho de Paulo Knauss:

> Nesse ambiente da impressa do Segundo Reinado, destacaram-se as revistas ilustradas, que, ao lado dos jornais diários, foram ganhando, ao longo dos anos, lugar de destaque como veículo de ideias e espaço de expressão da imaginação social. São as revistas ilustradas que evidenciam mais claramente a

> diversificação temática da produção e o direcionamento para públicos específicos da imprensa periódica na segunda metade do século XIX. Como os jornais raramente e de modo muito episódico fizeram uso de imagem, as revistas ilustradas definiram um gênero muito particular de periódico. Sua novidade mais importante foi afirmar o papel da imagem na construção da narrativa jornalística (KNAUSS, 2011, p. 11).

Diferente do jornal e de outros periódicos que, eventualmente, traziam imagens nas suas páginas, as caricaturas eram uma crônica visual da sociedade, uma maneira bem-humorada de fazer críticas sociais e políticas, em um cenário conturbado de tensões que marcavam a sociedade, fazendo bastante sucesso com o público.

As revistas ilustradas brasileiras eram influenciadas principalmente pelas revistas francesas e inglesas, principais referências da moda, sendo essas revistas, conforme diz Ana Luiza Martins (2008), responsáveis por traduzir as demandas da vida moderna.

Na década de 1890, a revista vai se tornar cada vez mais um diferencial na imprensa brasileira. A falta de uma indústria livreira brasileira vai atribuir, segundo Martins (2008, p. 26) "a função de suporte adequado para veiculação da imagem de um novo Brasil", Martins continua afirmando que a revista vai se tornar um retrato dos aperfeiçoamentos técnicos que a imprensa periódica passava e mais:

> Não seria abusivo admitir para aqueles idos que - *tanto quanto o jornal*, porém *mais que o livro* -, a revista era o instrumento eficaz de propagação de valores culturais, dado o seu caráter de impresso do momento, condensado ligeiro e de fácil consumo. Acrescente-se a isso, por vezes uma aparência luxuosa, divulgando, através da ilustração, propagandas e mensagens aliciadoras e pronto! (MARTINS, p. 26).

O recurso lúdico da imagem[4] e da letra nas revistas vai ser decisivo para cativar o público leitor, fazendo com que as revistas ilustradas ganhem terreno dentro do campo dos impressos. Com informações elaboradas, com matérias abordando as descobertas mais recentes e com a publicação dos principais acontecimentos, impressões de fotografias e gravuras, com um formato diferenciado e inovador, consolidando as revistas ilustradas em um patamar expressivo da imprensa.

Conforme Joaquim Andrade (2004), os avanços da ilustração aconteceram no Brasil, junto com as exigências da sociedade moderna e seguindo os avanços tecnológicos de impressão vindos da Europa e dos Estados Unidos, como o uso de processos de reprodução fotomecânica de imagens a meio-tom (autotipia), iniciando uma nova fase na

[4]Imagem com o sentido descrito pelo dicionário Novo Aurélio "representação gráfica, plástica ou fotográfica de pessoa ou objeto". In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

imprensa ilustrada brasileira, a partir das décadas de 1880 e 1890, já próximas da virada para o século XX. Esse sistema de reprodução fotomecânica de imagens permitia a impressão a clichês de cópias de fotografias nos periódicos, circulando simultaneamente com gravuras e desenhos.

No Maranhão, a imprensa ilustrada vai acompanhando o desenvolvimento que chegava ao Brasil. Fábio Matos (2002, p.50), a imprensa maranhense cresceu e se profissionalizou, pois:

> Tivemos o desenvolvimento da imprensa, com o aumento das tiragens dos jornais, o uso da ilustração e, logo após, da fotografia, o surgimento das revistas ilustradas, a incorporação do anúncio publicitário em jornais e revistas, a reestruturação do texto jornalístico e o surgimento de uma nova estrutura organizacional, que transformou os órgãos de imprensa em empresas, profissionalizando os seus colaboradores.

Podemos destacar, por exemplo, o *Jornal para Todos*, que segundo Orlando Costa Ferreira (1994, p. 421) "é a primeira publicação maranhense ilustrada", um jornal com ilustrações em litografia, que circulou na capital maranhense entre 1876 a 1878.

O jornal *A Flecha*, também está entre os periódicos ilustrados do Maranhão. *A Flecha* começou a circular em 1879 e é reconhecido pelas suas charges e caricaturas, que cheias de bom humor e ironia, faziam duras críticas acerca dos problemas sociais e das atividades políticas da província[5].

A *Revista Elegante* (1892 a 1905) foi pioneira no uso de imagens fotográficas na imprensa maranhense. Através de reproduções a clichês de imagens impressas a partir de cópias de fotografia encartadas como suplemento em algumas de suas edições.

Conforme Silva Filho (2015, p.03) "A *Revista Elegante*, editada pelos irmãos Teixeira provavelmente foi uma das primeiras revistas ilustradas [com fotografias] que se tem notícia no Maranhão e, quiçá, no Norte do País". A *Revista Elegante* se intitula como uma: "Publicação Illustrada, contendo uma capa com quatro páginas de anúncios, quatro páginas de texto, um suplemento com uma ou mais gravuras, pelo processo autotypico." (REVISTA ELEGANTE, 1900, p.08).

A publicação, portanto, apresentava textos de cunho artístico, novidades do mundo da moda, crônicas sobre a vida cultural da cidade, variedades, poesia e literatura e, no catálogo publicitário, publicidade de produtos e serviços que eram oferecidos pelos

[5]Para saber mais sobre o jornal *A Flecha*, ver ARAUJO, Iramir Alves. "A Flecha": O humor na imprensa maranhense no final do século XIX. Disponível em: http://www.ufrgs.br/ufrgs/results?q=iramir+alves+araujo&domains=www.ufrgs.br&sitesearch=www.ufrgs.br.

Armazéns Teixeira. No início, a revista circulou como quinzenário, mas logo mudou para uma periodicidade mensal, sendo distribuída gratuitamente pelo Armazém, mas dispunha de uma lista de assinantes.

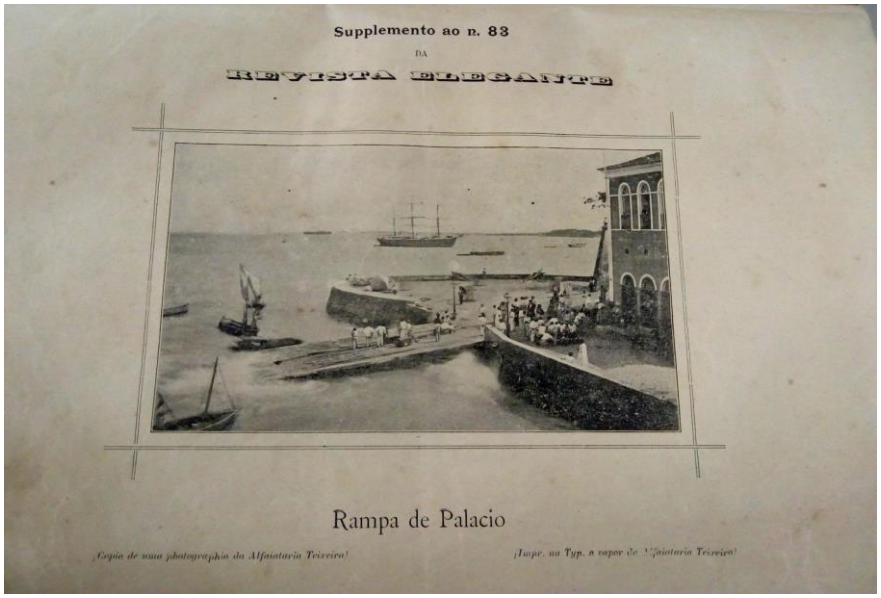


Figura 1: Suplemento n.83 da Revista Elegante. maio/1898. Rampa do Palácio, São Luís - MA. Fotografia: Alfaiataria Teixeira.

O suplemento encartado na revista trazia sempre uma ou mais gravuras que eram impressas pelo atelier de tipogravura dos próprios Armazéns Teixeira, usando a técnica de autotipia, citado acima. Era uma técnica de reprodução fotomecânica a meio-tom que na passagem do século XIX para o XX já estava bem difundida pelo mundo e também no Brasil. (ANDRADE, 2004, p. 212-213). Ainda segundo Silva Filho (2015), consta o total de 34 suplementos de fotogravuras[6] publicadas na *Revista Elegante*, entre os anos de 1898 a 1901, encontradas no arquivo público da Biblioteca Benedito Leite, algumas dessas fotogravuras também foram republicadas pela *Revista do Norte*, dos mesmos proprietários.

[6]Processo fotomecânico do século XIX desenvolvido por Karl Klíc que envolve a transferência de uma imagem fotográfica para uma placa de cobre. Uma fotogravura possui todas as qualidades de uma fotografia, traduzindo todos os tons de cinza com delicadeza, combinados com a profundidade de uma gravura em metal. Disponível em: http://atelierpiratininga.com/tecnicas/fotogravura/. Acesso em: 08/10/17.

A Revista do Norte

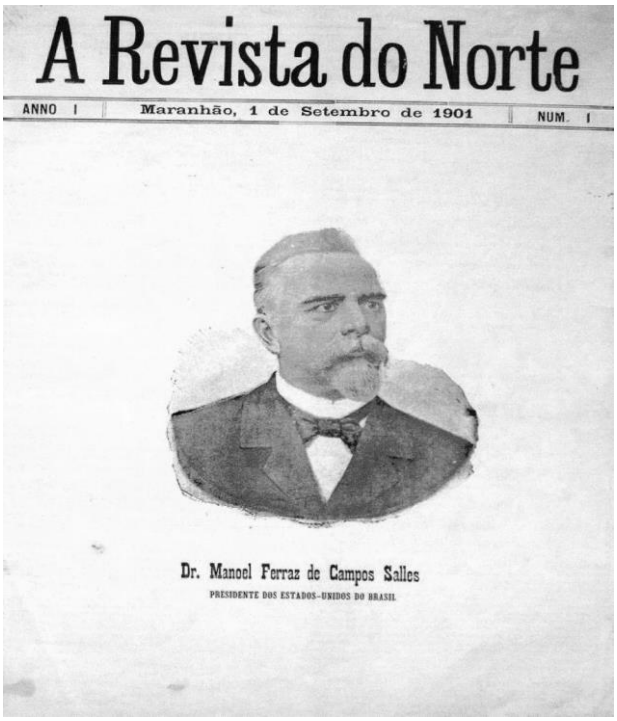
No nascer do século XX, já com dois anos de regime republicano implantado no Brasil, surge no Maranhão o periódico ilustrado de literatura e arte chamado *Revista do Norte*, em agosto de 1901. O editorial de apresentação explica que a *Revista do Norte* "registrará sempre, pela palavra e pela imagem, tudo o que de mais importante ocorrer nas múltiplas manifestações da vida social brasileira e, com especialidade, na dos Estados do Norte da República." (Revista do Norte, 1 de agosto de 1901).

A *Revista do Norte* foi um projeto elaborado em conjunto pelo jornalista e escritor maranhense Antônio Lobo e Alfredo Teixeira, um dos donos da tipogravura Teixeira, para revigorar e resgatar a aura mítica de um passado glorioso da geração literária da Atenas Brasileira (início do século XIX) e, colocar em discussão, os novos ideais de renovação culturais e artísticos da cidade.

De acordo com Martins (2006), a fase mitológica da Atenas Brasileira como um processo ficcional de construção de uma identidade regional serviu como justificativa para esse grupo de jovens agitadores culturais, que se autoproclamaram como os novos atenienses, a criarem projetos literários e instituições culturais para movimentar a cidade que há muito não aparecia nacionalmente. A ideia era falar do moderno exaltando o passado[7].

A *Revista do Norte*, ricamente ilustrada, teve a sua existência marcada, principalmente, pela forte presença de fotogravuras em suas edições, além de desenhos, gravuras e cartuns, aliados a ilustração com ornamentação e arabescos em flores e folhagens nas barras, molduras e margens em suas páginas.

[7] Sobre os novos atenienses e esse resgate cultural baseados no mito da Atenas Brasileira, ver os conceitos estudados por: MARTINS, Manuel de Jesus Barros. **Operários da saudade**: os novos atenienses e a invenção do Maranhão. São Luís: Edufma, 2006. e BORRALHO, José Henrique de Paula. **Terra e céu de nostalgia**: tradição e identidade em São Luís do Maranhão. São Luís: Café & Lápis; FAPEMA, 2011.


A Revista do Norte

ANNO I | Maranhão, 1 de Setembro de 1901 | NUM. I

Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles

PRESIDENTE DOS ESTADOS-UNIDOS DO BRASIL

Figura 1: Primeira capa da *Revista do Norte*, com o retrato do presidente Campos Salles, n.1, ano I, 1/set/1901.


A REVISTA DO NORTE

ANNO V | NUM. 1

Setembro de 1905

O mez

O celebre problema da *geração espontanea* anda de novo a preoccupar a attenção dos sabios do velho mundo.

Não desconhecem os que se interessam por essas altas questões do saber que as experiencias de Pasteur, em 1877, parecia haverem resolvido o caso pela negativa, demonstrando que todo o ser vivo, por mais simples que seja, provém sempre de um outro ser vivo que lhe preexistiu.

Houve, é certo, muita gente bôa que se não conformou em absoluto com o exclusivismo dessa conclusão do notavel chimico francez; mas, ou porque soffressem os effeitos da fascinação do nome de Pasteur, ou porque não dispuzessem de bases positivas para sobre ellas firmar as suas refutações, nenhum desses inconvencidos se animou a vir a publico contar-nos o motivo por que achava que o principio não se revestia de todos os requisitos logicos da veracidade. A gente sabia, por ouvir dizer, que elles não concordavam com a opinião de Pasteur e que trabalhavam á socapa, accumulando elementos, para mais tarde lhe porem por terra o postulado; mas em que pé andava esse trabalho, eis ahi o que se ignorava, ou, pelo menos, o que nós outros, tristes e vulgarissimos mortaes, que por estas longinquas e barbaras paragens vivemos, ignoravamos em absoluto.

E assim foram correndo os tempos, elles sempre no trabalho e nós sempre na ignorancia, até que, afinal, começaram a chegar-nos aos ouvidos uns boatos alarmantes, ecos de coisas inconcebiveis que nos laboratorios dos especialistas se passavam.

Diziam-nos, por exemplo, que fôra descoberta a *platina colloidal*. Ora nós, que tivemos a desventura de fazer a nossa educação nos tempos famosos dessa famosissima monarchia, cuja queda ainda hoje todos os genuinos imbecis brazileiros sinceramente choram, quando não se ensinavam, quer nas escolas primarias, quer nos lyceus, nem mesmo os mais rudimentares principios de chimica ficámos literalmente intrigados, ao ler pela primeira vez na nossa vida aquelle arrevesadissimo nome. Que diabo viria a ser essa *platina colloidal*, que tanto barulho se destinava a produzir no mundo scientifico, a julgar pelos sibilinos commentarios com que as revistas estrangeiras noticiavam a sua descoberta?

E, como a curiosidade em nós tem exigencias despoticas, iniciámos desde logo uma verdadeira romaria pelas casas dos entendidos da ter-

Figura 3: *Revista do Norte*, n.1, ano V, set/1905.

As imagens eram impressas pelo processo de reprodução fotomecânica por autotipia na tipogravura Teixeira, que pertencia aos Armazéns Teixeira, um vasto empreendimento comercial da cidade. O Armazém Teixeira além de vender mercadorias e produtos importados, oferecia serviços de tipografia e tipogravura, com "uma secção específica de impressão à autotipia, zincografia e chromotipografia, atendendo a todo gênero de gravura e garantindo a cópia fiel da imagem reproduzida: fotografias, gravuras, autografias, quadro a óleo e todo tipo de ilustração.". (REVISTA DO NORTE, 1901, p.1)

Na secção de tipografia, a oficina dos Teixeira, oferece todo tipo de trabalho tipográfico, entre eles: mapas, faturas, contas, código, cartas, jornais, cartões de visita e comerciais, conhecimentos, despachos, diplomas, avulsos, reclames, rótulos e preços-correntes. Tudo executado a vapor pelas "machinas mais aperfeiçoadas da América, França e Alemanha", com estoque de diversos tipos de papeis, para cada trabalho, "importados diretamente de fábricas da América do Norte, França, Alemanha e Itália.". Além disso, ofereciam serviços de encadernação, fábrica de carimbo de borracha e uma secção inteira montada com artigos de papelaria, de tinteiros e canetas, passando por artigos para desenhistas, tintas de aquarela, até artigos fotográficos, como álbuns para retratos e cartões postais.

Em relação aos temas das matérias da revista, tratavam, em geral, do mundo das letras, contos, ensaios, poesias, crônicas, trechos de romance, de autores e escritores conhecidos e nomes que estreavam e que viam na revista uma oportunidade de publicação.

Publicavam também artigos de caráter científico, de saúde pública (por médicos como Justo Jansen e Nina Rodrigues), política, economia e educação, além de eventos culturais e religiosos que eram destaque na cidade. Entretanto, não era uma revista só de cunho regional, ou nacional, dava destaque também para notícias importantes para o contexto mundial, como, por exemplo, uma edição inteira dedicada a Guerra Rússia-Japão, que encerrou em 1905 ou então sobre a vida e a cultura japonesa, trazendo um caráter cosmopolita à revista.

Como prometido pelos editores, a Revista oferecia aos seus leitores dois suplementos artísticos encartados em cada nova edição; uma reprodução de uma gravura célebre e a outra, um fascículo de um consagrado romance. A obra escolhida no primeiro ano foi o romance inédito em língua portuguesa, *Debalde,* do escritor Henryk Sienkiewicz, mesmo autor do romance *Quo Vadis,* com tradução e prefácio do próprio Antônio Lobo. A

obra foi editada dividida em partes e distribuída em fascículos em cada edição da revista. Ao fim dos fascículos, o leitor foi presenteado com uma luva de capa dura para encadernar o livro completo. Além dos fascículos, a revista chegou a publicar trechos de uma novela inédita de Aluísio Azevedo e o poema *Marília de Dirceu*, de Tomaz Antônio Gonzaga.

Com relação à periodicidade, a revista passou por dois momentos: o primeiro, como quinzenário durou de agosto de 1901 até agosto de 1905; passando a ter uma periodicidade mensal, a partir de setembro de 1905 durando até o mês de agosto de 1906, quando suspendeu, definitivamente, suas atividades por inviabilidade econômica.

Conforme o próprio Antônio Lobo (2008, p.52), em seu livro *Os Novos Atenienses: Subsídios para a história literária do Maranhão*, em 1909, explica, em uma curta frase, a razão do encerramento da revista: "por motivos de ordem comercial". Sem dar maiores informações ou justificativas, o livro não toca mais no assunto referente à *Revista do Norte* e nem dá pistas sobre o seu fracasso comercial.

Considerações finais

As diversas fases que a imprensa ilustrada brasileira passou, ao longo do século XIX e XX, estão diretamente ligadas ao desenvolvimento técnico dos processos tipográficos de reprodução de imagem disponível, que influenciará a qualidade e a técnica utilizada para a impressão.

A imagem, cada vez mais, foi disputar lugar de destaque junto ao texto nas páginas dos periódicos, formando uma nova narrativa jornalística. Desenhos, gravuras, charges, caricaturas e fotografia fazem parte do acervo imagético que foi publicado e visto em vários periódicos por todo país, reinventando o jeito de ler e ver a sociedade e o mundo.

Coube à fotografia, por intermédio do processo fotomecânico de impressão, marcar a história do periodismo como recurso de ilustração. A fotografia, antes de qualquer coisa, era um dos ícones da modernidade e nada mais moderno do que poder utilizá-la. A fotografia, além de um objeto de fetiche cobiçado por todos, vai ganhar espaço também pela reprodução nos periódicos. Para uma confirmação concreta disso, um exemplo é a maranhense *Revista do Norte*, que se destaca pela importância de estar situada fora dos centros de decisão política e econômica do país, merecendo ser colocada entre os periódicos ilustrados de melhor qualidade da imprensa brasileira.

Referências

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. **História da fotorreportagem no Brasil**: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

ARAUJO, Iramir Alves. **"A Flecha"**: O humor na imprensa maranhense no final do século XIX. Disponível em: http://www.ufrgs.br/ufrgs/results?q=iramir+alves+araujo&domains=www.ufrgs.br&sitesearch=www.ufrgs.br. Acesso em: 20 fev. 2018.

BORRALHO, José Henrique de Paula. **Terra e céu de nostalgia**: tradição e identidade em São Luís do Maranhão. São Luís: Café & Lápis; FAPEMA, 2011.

CARDOSO, Rafael. Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segundo Reinado. In: KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Mônica; VELLOSO (Org.). **Revistas ilustradas**: modos de ler e ver no Segundo Reinado. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.p.17- 40.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Orlando da Costa. **Imagem e Letra:** Introdução à Bibliologia Brasileira: a Imagem Gravada. 2ed. São Paulo: Editorada Universidade de São Paulo, 1994.

KNAUSS, Paulo. Introdução. In: KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Mônica; VELLOSO. **Revistas ilustradas**: modos de ler e ver no Segundo Reinado. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

LOBO, Antônio. **Os Novos Atenienses:** Subsídios para a história literária do Maranhão. São Luís: AML/EDUEMA, 3ªed.2008.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revistas**: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2008.

_____. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Manuel de Jesus Barros. **Operários da saudade**: os novos atenienses e a invenção do Maranhão. São Luís: EDUFMA, 2006.

MARTINS, Ricardo André Ferreira. **Breve panorama histórico da imprensa literária no maranhão oitocentista.** Animus - Revista Interamericana de Comunicação Midiática. Mestrado em Comunicação - UFSM v.18, jul-dezembro 2010. Acesso em: 20 fev. 2018.

MATOS, Marcos Fábio Belo. **... E o cinema invadiu a Athenas**: a história do cinema ambulante em São Luís (1898-1909). São Luís: Livraria e Editoras UNISAOLUIS, 2002.

SILVA FILHO, José Oliveira da. **Propagando Visões:** um estudo das primeiras fotografias do Maranhão publicadas na Revista Elegante. (1892-1901). Texto apresentado no XXVIII Simpósio

Nacional de História - Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis – SC, 2015. Acesso em: 20 fev. 2018.